

Memória e poder nos regimes distópicos

Memory and power in dystopian regimes

Carolina Dantas de Figueiredo*

Resumo: A preservação e desaparecimento de memórias é uma questão frequente nas distopias literárias. O poder que submete os indivíduos insiste em se fazer sentir sobre seus corpos e mentes. Nas obras de Aldous Huxley, George Orwell e Ray Bradbury (*Admirável Mundo Novo*, 1984 e *Fahrenheit 451*, respectivamente), passado e memória são tratados como elementos de controle. Neste artigo fazemos uma breve revisão deste aspecto nas distopias.

Palavras-chave: Memória. Passado. Distopia.

Abstract: *Preservation and appearance of memories is a frequent theme in literary dystopias. The power that submits individuals insists to be felt over their bodies and minds. In the works of Aldous Huxley, George Orwell and Ray Bradbury (*Brave New World*, 1984 and *Fahrenheit 451*, respectively) past and memory are treated as elements of control. In this paper we make a brief review of this aspect in dystopias.*

Keywords: *Memory. Past. Distopy.*

* Universidade Federal de Pernambuco, caroldantasfigueiredo@hotmail.com

Introdução

Ao se estender sobre os mais diversos aspectos da vida dos sujeitos, o poder distópico avança sobre a memória, como forma de controlar o passado e, por conseguinte, o futuro. Huxley, Orwell e Bradbury tratam constantemente desta questão. Os autores enfatizam a função da memória de dar sentido à vida dos personagens, trazer informações novas e estimular seu potencial crítico, o que culmina no confronto direto com os regimes que os oprimem. As memórias se entrecruzam com o discurso oficial que insiste em suas verdades e nega o factual em nome delas. Com isso, todo saber não-oficial é sistematicamente abolido. Neste processo, a história é modificada até que não existam vestígios materiais capazes de provar ou negar o que está sendo dito e para que o passado possa, no futuro, continuar a ser alterado.

Um dos slogans do Ingsoc, partido dominante de *1984*, é exatamente “quem controla o passado, controla o futuro, quem controla o presente, controla o passado” (ORWELL, 2007, p. 36), frase que poderia ser utilizada nas demais distopias. É em função de tal lógica que se aprende a ter ojeriza a tudo que é antigo em *Admirável Mundo Novo*; que a história é apenas copiada mecanicamente pelos alunos ou que os museus tenham se convertido em meros acervos virtuais em *Fahrenheit 451*; e que, nas três obras, o controle ou extinção dos livros seja símbolo não apenas do colapso da arte, mas do fim da memória. Como consequência, os protagonistas buscam recompor debilmente suas lembranças e amarrar seus fios frágeis como forma de resistência. A memória, neste caso, não é expressão dos fatos efetivamente decorridos, já que nem sempre é possível provar que aconteceram, mas expressão de subjetividade e de auto-afirmação num meio hostil e que exige comportamento de massa.

Nas obras analisadas, têm-se duas formas diferentes de memória: uma oficial, parte do discurso vigente, que depende do controle não só da história, mas da verdade e do saber; e outra particular, íntima, tênue, que atua como força contrária e foco de resistência. Em vista da opressão externa, restam ao indivíduo apenas suas vivências como forma de manter a sanidade. A memória leva os personagens ao extremo oposto da distopia: à utopia de um tempo

bom, imaginário ou não, ao qual buscam constantemente voltar. Memória e imaginação são os únicos lugares onde tal fuga é possível; com a diferença de que a memória, por se reportar a um tempo ou a fatos que supostamente existiram, dá uma perspectiva mais concreta de que as coisas podem ser diferentes no futuro, simplesmente porque já foram anteriormente. Recordar é sinônimo de ter esperança e de perceber que o regime estabelecido não é eterno, uma vez que houve algo antes da sua existência.

O controle do passado, ou melhor, a instituição de uma verdade sobre ele, ajuda os governos distópicos a reforçarem a crença de que o mundo sempre foi de certa maneira e que sempre será. Serve de aviso para o sujeito que escapa de que sua fuga, suas inquietações e sua revolta são em vão. Inútil tentar mudar o futuro, pois ele já está, em alguma medida, determinado. O passado é alterado para que o futuro não o seja. Trata-se de uma tarefa árdua, que exige esforço constante tanto dos regimes quanto dos dominados, que devem realizar o duplipensar¹ para aceitarem as modificações no passado e as violações na memória, frágil diante das contradições, da falta de provas e da dificuldade em se julgar o que é verdade. Por esta prática, não apenas acontecimentos são substituídos, mas elimina-se completamente a existência de determinados fatos em detrimento de outros e conciliam-se contradições² (ORWELL, 2007, p. 36-37). No regime do Ingsoc, para evitar incorreções, o intelectual do Partido deve perceber em que direção alterar suas lembranças. As pessoas sabem que estão aplicando um truque à realidade, mas pelo duplipensar se convencem de que ela não está sendo violada (Ibidem, p. 206). Trata-se de fraude consciente e sistemática, até que se confunda à própria honestidade. Os acontecimentos não são tomados em sua factualidade, na forma como aconteceram, e nem mesmo se respeita se aconteceram realmente.

¹ Este termo aparece em 1984 e faz parte da novíngua. Significa a capacidade de aceitar duas premissas contraditórias entre si, sem que haja choque entre elas.

² Orwell (2007, p. 206) explica que: “mesmo no emprego da palavra duplipensar é necessário duplipensar. Pois, usando-se a palavra admite-se que se está mexendo na realidade; é preciso um novo ato de duplipensar para apagar essa percepção e assim por diante, indefinidamente, a mentira sempre um passo além da realidade. Em última análise, foi por meio do duplipensar que o Partido conseguiu [...] deter o curso da história”. O autor esclarece que este processo tem de ser consciente, ou não seria realizado com precisão suficiente, mas também deve ser inconsciente, ou provocaria sensação de falsidade e, portanto, de culpa (Ibidem).

Passado negado

O passado constitui uma ameaça para os governos distópicos por ser incongruente com a atualidade, imperfeito e potencialmente subversivo. Eliminando-o ou homogenizando-o é possível garantir sua coerência com a ideologia vigente. Realiza-se um processo no qual os fatos são definidos como históricos conforme se observa do presente. É o tempo de agora que determina a história e não a cronologia acontecimentos. Esta é uma operação complexa. Como alterar o que já aconteceu? Uma das características fundamentais do passado seria a imutabilidade, a propriedade de que fatos decorridos não podem mais ser alterados. Mas o poder distópico o faz, modificando não apenas os fatos em si, mas o discurso sobre eles, apagando suas evidências e fazendo com que mesmo os documentos percam o caráter factual.

As mídias e as formas como são apropriadas também assumem este papel, por permitirem a circulação nos meios de comunicação de informações e conteúdos simbólicos que viabilizam a alteração constante do passado. Isto acontece especialmente com o rádio e a TV. Os conteúdos veiculados nestas mídias são alterados com mais facilidade, pois o público não pode, a princípio, recuperar os dados transmitidos. Explica-se: uma transmissão de rádio ou TV só pode ser recuperada se for gravada, caso contrário não é possível comprovar materialmente nada do que foi transmitido. A memória não serve como prova, ela é débil diante do poder que, ao fazer a massa acreditar neste ou naquele acontecimento, exclui os que discordam e os considera anormais, doentes mentais que se julgam lúcidos, sem perceber que contrariam o óbvio e insistem em sua insanidade e alucinações.

A eliminação de documentos e a insanidade daqueles que tentam se apegar ao passado e ao factual aparecem abundantemente nas distopias. Em *1984* isto fica evidente, quando Orwell trata dos dilemas do protagonista em relação ao passado e à memória em passagens como quando Winston menciona uma foto dos inimigos do Partido. Tratava-se de um velho retrato de três ex-membros do Ingsoc, Jones, Aaronson e Rutherford, única prova de falsificação que tivera nas mãos durante toda a sua vida. Observara-a por alguns segundos, tempo o suficiente para ter a certeza de que tudo mais que o

Ingsoc dizia deveria ser mentira (Ibidem, p. 76) e fora obrigado a descartá-la. A imagem provava a inconsistência de datas provocada pelas alterações do Partido. Afirmara-se em julgamento que eles estiveram em solo inimigo durante determinado período, quando a fotografia, retirada de um jornal, mostrava-os em Oceania. Vira a foto novamente com O'Brien, que afirmava que ela não existia, mesmo estando diante dos olhos de ambos (Ibidem, p. 245).

Naturalmente, isto em si não era nenhum descobrimento. Nem Winston imaginara que as pessoas suprimidas nos expurgos houvessem de fato cometido os crimes de que eram acusadas. Mas ali estava a prova concreta; era um fragmento do passado abolido, como um osso de fóssil que surge numa camada errada e destrói uma teoria geológica (ORWELL, 2007, p. 79).

Além da foto, Winston já os havia encontrado juntos, casualmente no Café Castanheira, cena que ele mesmo revive após ser recondicionado e voltar apaticamente ao local. Percebe então que o passado deixara de existir inexoravelmente e, mesmo que fosse capaz de recuperar a foto, é possível que ela já não servisse de prova alguma, pois o contexto mudava conforme os desejos do poder. A falsificação do passado era invariavelmente vantajosa para o Ingsoc e as provas documentais eram frágeis diante do discurso instituído. Para Winston, “esmagava-o o pensamento de que talvez pudesse de fato ocorrer aquele deslocamento lunático da mente” (Ibidem, p. 326). O'Brien questiona se ele acreditava que o passado tem existência real. Winston não poderia responder, não sabia. Segue O'Brien: “– Não és metafísico, Winston. Até este momento, não havias considerado o que significa existência” (Ibidem). Este é o problema: o passado não existe em nenhum local, não é materialidade, mas apenas registro e memória e o Partido controlava ambos. A este respeito, Winston tenta, em vão, argumentar:

– É involuntário. Está fora do indivíduo. Como podes controlar a memória? Não controlastes a minha! [...] Ao contrário – disse ele [O'Brien] – foste tu que não a controlaste. Por isso estás aqui. Estás aqui porque fracassaste em humildade, em disciplina. Não queres fazer o ato de submissão que é o preço da sanidade. Preferiste ser lunático, minoria de um. Só a mente disciplinada pode enxergar a realidade, Winston. Crês que a realidade é algo objetivo, externo, que existe de *per si*. Acreditas também que é evidente a natureza da realidade. Quando te iludes, e pensas enxergar algo, julgas que todo mundo vê a mesma coisa. Mas eu te digo, Winston, a realidade

não é externa. A realidade só existe no espírito, em nenhuma outra parte. Não na mente do indivíduo, que pode se enganar, e que logo perece. Só na mente do Partido, que é coletivo e imortal. O que quer que o partido afirme é verdade, é verdade. É impossível ver a realidade, exceto pelos olhos do Partido. É esse o fato que deves reaprender, Winston. Exige um ato de autodestruição, um esforço da vontade. Deves te humilhar, antes de recobrar o juízo (Ibidem, p. 237).

Não havendo lugar onde se refugiar, Winston volta sempre ao pretérito. Ele lembrava da sua mãe, da irmãzinha e vagamente do pai, que deviam ter sido tragados num dos grandes expurgos entre 1950 e 1960³ (Ibidem, p. 31). As memórias emergem com mais força depois que vê no cinema a imagem de uma mãe protegendo seu filho. A inutilidade da proteção materna diante da saraivada de balas que ela enfrenta mostra que seu amor é algo que pertence a um passado longínquo, de que mesmo Winston recorda dificilmente, pois não é imune aos princípios do Ingsoc. Aos poucos, a imagem do filme vai sendo substituída por suas memórias. Primeiro elas surgem confusas: recorda da mãe submergindo no salão de um navio, dos seus olhares, das roupas do pai. Depois, com mais clareza, ele se lembra de jogar com a mãe e das risadas da irmã, mas também de ter roubado a comida dela, precipitando sua morte.

Dos fatos anteriores à revolução que coloca o Ingsoc no poder, tudo desbotara. Nem mesmo estava certo de que o ano era realmente 1984. “Devia ser mais ou menos isso, pois estava convencido de que tinha trinta e nove anos, e acreditava ter nascido em 1944 ou 45; naqueles dias, porém, não era possível fixar uma data num ou dois anos” (Ibidem, p. 10). Até o fio da vida pessoal perdia a nitidez e era o próprio Winston quem contribuía cotidianamente com essa tarefa apagando e alterando registros⁴. Esta é a sua grande contradição. Enquanto, por um lado, se esforça em construir memórias pessoais, por outro modifica a história pública. Com as modificações e alterações na história, aliadas à castração da intimidade e memórias privadas, o Partido atinge seu objetivo de forjar um eterno presente para controlar o futuro. Orwell realiza um exercício lógico, sempre que aprofunda estes opostos – passado e futuro – promovendo sua aparente conciliação. Em 1984, resolve-

³ Ele julgava, por sua idade, que a Revolução fora deflagrada por volta de 1960 e organizada pelo Partido Socialista Inglês, depois rebatizado como Ingsoc, sendo este evento fundador do sistema vigente, autoritário, idólatra e centralizador de Oceania. Mas Winston também não tinha certeza de qual era a sua idade exata.

⁴ O trabalho de Winston consistia em receber e reescrever as notícias e informes que deveriam ser alterados conforme a verdade mudasse e, posteriormente, descartar os documentos que não fossem mais verdadeiros.

se o problema da história acabando com ela. O Ingsoc destrói e falsifica documentos, elimina ou reescreve livros, repinta quadros, modifica nomes de locais, edifícios e produtos, muda estátuas e altera datas⁵. Nas ruas ou nos livros não se podia fugir da história oficial. Tornava-se difícil até determinar com exatidão a idade de um prédio londrino ou de qualquer coisa (Ibidem, p. 141). Tudo o que era grande, imponente e de aparência moderna era declarado pós-revolucionário, enquanto as coisas antigas eram atribuídas a um período obscuro denominado Idade Média⁶.

Os fragmentos do passado faziam-no crer num futuro impossível e emocionavam-no num mundo onde não havia mais emoção ou afetividade. Das poucas certezas nasciam suas dúvidas, meros fragmentos, pois nunca podia provar nada. Com a eliminação das certezas, o tempo tornara-se relativo. Não havia, aliás, possibilidade de tempo algum além do estabelecido pelo Partido. Em nenhum lugar fora da sua consciência existia o conhecimento que provaria suas crenças, pensava Winston. Seu maior temor é que as mentiras impostas fossem aceitas, simplesmente porque todos os anais diziam a mesma coisa. Então a mentira se transformaria em história e em verdade. No entanto, afirmava-se que o passado nunca fora alterado. A impossibilidade de se mudar o passado permanecia como dogma, mesmo que ele fosse constantemente modificado. De fato, os acontecimentos passados não podem ser alterados, mas a memória sobre eles sim. O propósito do Ingsoc é que as próximas gerações conhecessem apenas os fatos oficiais, deixando a memória individual de ser refúgio. Winston percebia que o passado não fora apenas alterado, mas efetivamente destruído e que não era possível restaurar os acontecimentos, nem saber o que era lenda, invenção ou o que teria acontecido de fato:

Às vezes porém podia colocar o dedo numa mentira definida. Não era verdade, por exemplo, como afirmavam os livros de história do Partido, que o Partido tivesse inventado o aeroplano. Lembrava-se de aviões desde a mais tenra idade. Não podia provar nada, nunca havia prova. Apenas uma vez, em toda a

⁵ Winston lamenta: “todos os registros foram destruídos ou falsificados, todo livro reescrito, todo quadro repintado, toda estátua, rua e edifício rebatizados, toda data alterada. E o processo continua, dia a dia, minuto a minuto. A história parou. Nada existe, exceto um presente sem-fim no qual o Partido tem sempre razão. Eu sei, naturalmente, que o passado é falsificado, mas jamais me seria possível prová-lo, mesmo sendo eu o autor da falsificação” (ORWELL, 2007, p. 150).

⁶ O tempo anterior à revolução era denominado Idade Média. Criticava-se basicamente o capitalismo, afirmando-se que jamais havia produzido nada de valor.

sua vida, tinha tido em mãos prova documental e inconfundível da falsificação de um fato histórico (Ibidem, p. 38)

O Ingsoc nunca mentia. Eram as fontes que estavam erradas, por isso as correções. Mais de uma pessoa trabalhava nas versões de determinado material, que eram ainda selecionadas e retocadas por um membro do Partido Interno. “Toda a história era um palimpsesto raspado e reescrito tantas vezes quantas fossem necessário. Em nenhum caso seria possível, uma vez feita a alteração, provar qualquer fraude” (Ibidem).

O Ministério da Verdade inteiro, a multidão de tarefas desempenhadas, seus escritórios, gráficas e oficinas, tudo era parte do processo de criação e adulteração da verdade. “E funcionando anonimamente não se sabia como, nem onde, ficava o cérebro orientador, que coordenava todo o trabalho e fixava diretrizes, mandando conservar este ou aquele fragmento do passado, falsificar outro, eliminar completamente aquele” (Ibidem, p. 44). Winston nem considerava aquilo tudo falsificação, mas sim troca de uma sandice por outra, pois a maior parte do material processado não tinha mais, ou nunca tivera, relação com a realidade. Nos “buracos da memória”, aberturas nas paredes do Ministério, destinadas a jogar fora papéis e documentos eram incineradas as provas (Ibidem, p. 39) para que não houvesse qualquer possibilidade de recuperar o que fora modificado. Mal se podia saber como fora a vida antes da “gloriosa Revolução”⁷.

Winston achava que as únicas coisas verdadeiramente típicas da vida moderna não eram nem a crueldade nem a insegurança, mas a nudez, a miséria e o desânimo. “Olhando-se em volta, verificava-se que a vida não apenas diferia das mentiras que provinham das teletelas, como também dos ideais que o Partido buscava atingir” (Ibidem). Dia e noite as teletelas feriam os ouvidos com estatísticas provando que o povo tinha no presente mais alimento, mais roupa, melhores casas, melhor divertimento, que vivia mais, trabalhava menos, era mais alto, mais saudável, mais forte, mais feliz, mais inteligente e mais bem educado do que no passado (Ibidem, p. 76). Tudo o que era dito se baseava em falsas confissões e documentos alterados (Ibidem), o que é

⁷ O Partido insiste que a história começa com este evento, por volta de 1965.

favorecido pelo uso das teletelas. Não é possível guardar nada do que passa nelas, a informação muda minuto a minuto e o que de fato importa não é a confiança dos sujeitos em si mesmos, na sua memória, mas na mídia que é a boca e os olhos do Ingsoc e que transmite informações que devem ser aceitas como dogmas universais.

Pilhéria

A reescrita da verdade e da história é realizada de forma arbitrária, desde que algumas regras fundamentais sejam seguidas: os cidadãos de Oceania devem ser mantidos na maior ignorância possível, devem crer na prosperidade e no desenvolvimento proporcionados pelo Partido e zelar por sua infalibilidade, isto é, cuidar para que o Ingsoc nunca erre, não seja jamais derrotado e que as suas profecias se concretizem sempre⁸. Com a alteração dos acontecimentos anteriores à revolução, o poder do Ingsoc é estendido para além da sua fundação. Processo semelhante acontece em *Fahrenheit 451* quando o capitão Beatty explica que os bombeiros sempre foram responsáveis por atear fogo às coisas e em *Admirável Mundo Novo*, quando o Diretor do Centro de Incubação (DIC) fala do descobrimento da hipnopédia. Nas três obras fatos, datas e nomes são transformados em propaganda do poder estabelecido, ainda que se refiram a eventos anteriores a ele. Daí que os protagonistas tentam sobrepor suas memórias e vivências às informações criadas artificialmente e veiculadas nas mídias. Winston podia às vezes apontar para uma mentira definida, assim como Montag ao descobrir que no passado os bombeiros não queimavam livros. Em *Fahrenheit 451* é importante queimá-los, pois são provas documentais não só do passado, mas do pensamento humano. A TV e o rádio têm, nesta obra, o mesmo papel das teletelas de transmitirem a verdade cotidianamente e serem seus porta-vozes. A massa, alienada repete o que as mídias veiculam e aceita os seus conteúdos acriticamente.

⁸ Discursos, estatísticas e registros são alterados para comprovar que o Partido está sempre certo e são inviabilizadas quaisquer modificações de doutrina ou agrupamento político (Ibidem, p. 204-205).

História e verdade apavoram os regimes instituídos por exporem suas brechas e fissuras. Ao ouvir as perguntas de Montag sobre o passado, Beatty fica indignado: “‘Houve um tempo!?’ exclama, ‘que conversa é essa?’” (BRADBURY, 2007, p. 49). Oficialmente o corpo de bombeiros fora fundado em 1790 para queimar os livros de influência inglesa nas colônias, tendo sido o primeiro bombeiro Benjamin Franklin (Ibidem, p. 50), mas Clarisse, amiga de Montag, instiga-o ao dizer que, na verdade, os bombeiros outrora apagavam incêndios⁹. Depois, Beatty volta atrás e explica que todo bombeiro, mais cedo ou mais tarde, passava por um momento crítico de querer saber o que havia nos livros e de buscar o passado. Ele se revela um grande conhecedor de história e literatura, explicando, sob os olhares acusadores dos seus subordinados, que havia trechos e passagens dos livros que a maioria dos capitães bombeiros precisava conhecer (Ibidem, p. 56). Mas os livros deveriam ser exterminados, representando a extinção de quaisquer pensamentos anteriores ao *modus operandi* vigente.

Ao relatar as memórias de seu tio, Clarisse se refere a um passado utópico, quando havia liberdade e felicidade verdadeiras, mesmo que não o tenha vivido. O tio falava de um tempo em que as crianças não se matavam umas às outras (Ibidem, p. 45), falava também de quando as pessoas conversavam em alpendres e era possível caminhar sem ser mal visto. Montag não tem este tempo bom da utopia e, por isso, apropria-se das memórias de Clarisse para criar a sua utopia. Ele não tem um passado definido, exceto por algumas passagens. Seu pai e seu avô eram bombeiros, fora isso não podia explicar porque elegera a profissão. Também não lembrava onde conhecera Mildred, sua esposa. Quando pensava nela visualizava uma menininha perdida em uma floresta sem árvores ou num platô onde antes houvera árvores¹⁰, das quais sentia apenas a memória de terem existido (Ibidem, p. 61). Entristece-o não conseguir ter lembranças da esposa (Ibidem, p. 187) como se ela, enquanto representação da massa, não fosse passível de ser lembrada. Não

⁹ A verdade, ou a possibilidade da existência de uma versão da história que Montag desconhecia, é apresentada por Clarisse. É ela quem, pela primeira vez o instiga, dizendo que no passado os bombeiros apagavam incêndios em lugar de começá-los (BRADBURY, 2007, p. 20).

¹⁰ Esta imagem é uma metáfora que ajuda a entender como ele a via, não existindo nenhuma referência na obra que indique que ele conhecera a esposa ainda criança, nem que Montag jamais estivera com ela em uma floresta.

havia mais livros, pois não havia mais lugar para qualquer forma de memória, reflexão ou melancolia.

Em *Admirável Mundo Novo* quaisquer memórias são impossíveis. Como nas outras obras, a história fora modificada, só que o passado (os fatos acontecidos antes de 600 depois de Ford) era longínquo, não sendo possível recordar ou recuperar efetivamente nada. Como solução, Huxley traz o Selvagem para a civilização. Obviamente ele não se lembra do passado histórico, a reserva onde vive não é reconstrução de um tempo determinado, mas a junção de elementos de diversos períodos que foram sendo deixados à margem da civilização. Não há muito o que falar sobre história nesta obra, pois não há história propriamente dita, apenas um presente eterno e imutável. Mond deixa isso claro quando explica que não pode haver nenhum progresso histórico, que as coisas devem continuar sempre da mesma forma para haver estabilidade. Também não há história pessoal dos sujeitos. O único que se lembra de algo é John¹¹, que, assim como Winston, valoriza as memórias de infância. Sempre jovens os moradores do Mundo Novo não têm passado nenhum além do tempo de criança, época que não pode ser valorizada individualmente já que a vivência de todos é absolutamente igual. Além disso, a história é considerada desagradável (HUXLEY, 1981, p. 46), pois revela fatos amorais e sujos, por um lado, e, por outro, a ojeriza a eles faz com que os acontecimentos não sejam questionados ou remexidos. Ao contar o passado para um grupo de jovens, o Dirigente Mundial Mustafá Mond alerta: “Agora vou falar-lhes de algo que poderá parecer incrível. Mas quando não se está habituado à história, a maioria dos fatos sobre o passado parece incrível” (Ibidem, p. 55). Segundo ele, Ford afirmara que a história é uma pilhéria (Ibidem, p. 57) e quem gasta tempo estudando história não pode inventar nada revolucionário.

A pilhéria está manifesta também na repetição das palavras de Ford com uma solenidade quase religiosa. Só que não há efetivamente religião, apenas o culto a esta figura, que assume caráter transcendental. É o seu nascimento que determina a contagem do tempo e o início de uma nova era marcada, não pela crença irracional em Cristo, paradigma de um período anterior ao qual o

¹¹ John é o verdadeiro nome do Selvagem.

Selvagem ainda está vinculado, mas à adoração do criador do modo de produção que revolucionou o capitalismo e permitiu que até os homens fossem produzidos em série. A produção em série de indivíduos e bens viabiliza a existência de um futuro que, no máximo, constitui um desdobramento do presente: história e memória são extintas, porque agora tudo e todos são iguais. Não existem museus, monumentos ou livros, o passado está destruído e condenado. A pilhéria se manifesta ainda na forma como Huxley trata a história. No texto há várias digressões, especialmente das vivências de John. O autor brinca também com o passado de outros personagens, quando, por exemplo, interrompe a narrativa no capítulo treze para contar o que acontece vinte e dois anos depois ao homem em que Lenina esquece de aplicar vacina ainda quando era feto. A brincadeira se estende ao presente, pois essa é uma forma que o autor encontra para explicar o que pode ter acontecido a Bernard. De fato, a história é uma pilheria, irônica e necessita ser regulada.

Considerações finais

A memória e o passado de cada personagem os mantêm enquanto sujeitos autônomos na realidade adversa das distopias. John recorda a sua infância na reserva e os demais membros da tribo. Lembra com carinho da relação com a mãe e das músicas que ela cantava. Deixa as lágrimas rolares com tais lembranças e, mesmo no Mundo Novo, guarda intactas as memórias do Outro Lugar “um paraíso de bondade e beleza, não poluído pelo contato com a realidade de Londres, essa civilização real de homens e mulheres” (HUXLEY, 1981, p. 246). Usa também palavras e músicas para restituir o passado à vida (Ibidem, p. 248) e se debruça sobre ele em busca da sua própria essência. Mas não é apenas ele, sujeito que escapa, que tem memória. Os habitantes do Mundo Novo certamente a têm em alguma medida; só que não era correto falar do passado e mais especificamente do passado particular.

O DIC, homem de moral impoluta, recorda da sua viagem à reserva há vinte e cinco anos. Mas isto é uma impropriedade grosseira que o perturba, fazendo-o ter vontade de esconder o rosto e sair correndo da sala onde estava. Não que visse algum problema em falar sobre algo remoto, achava que já

havia se livrado deste condicionamento, mesmo assim estava incomodado. Como um homem tão convencional infringia uma proibição, “movido por que força interior?” (Ibidem, p. 124). Havia então uma força interior que o movia. Ao falar do desaparecimento de Linda, Thomas se comove. Não parecia completamente convencido de que o corpo social persiste apesar da mudança das células componentes (Ibidem, p. 126) e confessa que sonhava com o desaparecimento às vezes. Ele parece recobrar a consciência assim que Bernard, seu interlocutor nesta passagem, fala. Thomas explica que a relação com a moça fora normal e saudável, isto é, estritamente sexual. Seu relato, porém, mostra a tensão entre o condicionamento e o desejo do sujeito de emergir, vivenciar sua individualidade e suas emoções.

Nas três obras há referências constantes a um tempo original no qual as coisas eram puras e boas, representado pela infância de Winston e John e por Clarisse, com o seu frescor, relatos coloridos da vida em família e memórias do tio. Entre os atributos mais marcantes dos protagonistas está sua confusa relação com o passado e a sensação de inadequação com o presente opressor. Winston, John, Montag e Clarisse estão presos entre o passado utópico inalcançável, construído esparsamente por suas memórias particulares, registros históricos que sobreviveram e recordações de terceiros, e o presente que lhes fere e é hostil, arrancando a pureza do tempo intocado e bom, muito mais imaginado do que vivido e que serve de resistência contra um desagradável presente. O confronto entre passado e presente é, aliás, um dos principais motivos do descontentamento dos personagens, que evolui paulatinamente para a contestação. Antes mesmo de qualquer tentativa de rebelião, o mero cultivo e preservação de memórias serve como transgressão, uma vez que proporciona o estabelecimento de uma linha cronológico-política que permite compreender a evolução dos regimes. Ao fazer isso, os personagens abrem mão do duplipensar e incorrem necessariamente em crimidéia¹² – estendendo estas práticas a todas as distopias aqui citadas.

Os personagens vivem num estado de anacronia. Julgam que não pertencem ao presente, embora sejam infiltrados por ele. Sabem que não

¹² A crimidéia era considerada o crime essencial que continha todos os outros (ORWELL, 2007, p. 20). Estava nesta categorização qualquer pensamento contrário ao sistema vigente e aos pressupostos do Partido.

viverão o futuro, seja por sua curta existência ou pela descrença na sua concretização. Também não podem retornar ao passado. Estão encurralados pelas problemáticas da memória e da história e conseguem se manter precariamente entre lembranças vagas e o presente incômodo. Estes fragmentos aparecem através das vivências de Winston no bairro dos Proles, do diário, do peso de papel e do quarto no antiquário, do confronto de John com o Mundo Novo e de Montag com suas perguntas à Clarisse, Beatty e Faber, assim como do seu desejo de ler e preservar livros. Winston, Bernard, Helmholtz, John e Montag decidem participar ativamente da construção do futuro, embora sejam tolhidos. O desvendamento das circunstâncias históricas realizado pelos personagens é um desafio similar à montagem de um quebra-cabeças em que sempre faltam algumas peças: é impossível saber exatamente que figura as peças formariam em conjunto, mas apenas supor com base nas partes. São os mecanismos de alteração contínua do passado que impossibilitam que o quebra-cabeça seja completado. Deste modo, o trabalho de recuperação da memória não apenas apresenta riscos por ser considerado heterodoxo, mas também é impossível de ser finalizado por sua própria natureza.

Os obstáculos que os personagens encontram são aprofundados pela apatia das populações perante o poder que manipula a história. A memória coletiva não serve para distinguir grupos ou situações particulares, mas para aprofundar ainda mais o conceito de massa. Esta apatia é usada como elemento político para a manobra das populações. Como é o caso dos jovens em *Fahrenheit 451*, que não sabem de nada e de Mildred, a atormantada esposa de Montag, e suas amigas, que preferem jamais saber. Também é o caso de Júlia, amiga e confidente do bombeiro, que não se importa efetivamente com o que o Partido tenha feito, mas apenas com sua própria liberdade. Ela só punha em dúvida os ensinamentos do Ingsoc quando era do seu interesse, “no mais, estava disposta a aceitar a mitologia oficial, simplesmente porque a diferença entre verdade e mentira não lhe parecia importante” (Ibidem, p. 148). Júlia acreditava em qualquer mentira oficial, como por exemplo, que o Ingsoc inventara o avião. Para ela não era relevante quem criara quais coisas e nem mesmo o que acontecia na guerra. Sabia

apenas que o noticiário seria sempre falso (Ibidem, p. 149). Ela falava disso e das modificações nos fatos que o Departamento de Registro realizava sem se incomodar, “não sentia o abismo abrindo-se aos seus pés, ao pensar nas mentiras que se transformavam em verdades” (Ibidem). Não se perturba nem quando Winston menciona a falsificação da foto. Não ligava para a modificação de registros, para os livros reescritos, para as estátuas criadas ou prédios rebatizados. A história havia parado, o Partido tinha sempre razão e não era possível provar nada contra ele. Por isso, argumentava, não adiantava se preocupar com o passado.

O tempo dos personagens distópicos não é o dos instantes que se sucedem, mas um tempo potencial. O passado retorna enquanto potência, como algo que pode acontecer novamente e que merece ser vivido cotidianamente à parte dos acontecimentos do tempo comum. A mídia é impermeável ao tempo da memória, vive o presente. Contudo, a experiência dos acontecimentos é subjetiva, não é redutível aos fatos, às informações e mesmo à vontade de verdade do poder. A forma como os sujeitos os vivenciam é exclusiva e pertence à ordem do sensível. Foucault (2003) explica que a manipulação da verdade e a imposição de uma historiografia oficial são elementos característicos, em maior ou menor grau, de todas as formas de governo. O passado nas distopias é um importante instrumento de poder, na medida em que constitui as verdades que circulam por discursos e práticas. A modificação da história se dá nas três obras pelos constantes rearranjos de fontes e registros, restando aos indivíduos lembranças gastas e incertas, desligadas da realidade material e documental que os cerca. Se um fato histórico realmente existiu ele só pode ser comprovado por registros ou pela memória, se ambos são apagados ou modificados, então o fato jamais aconteceu, como explica O’Brien a Winston:

- O passado existe concretamente, no espaço? Existe em alguma parte um mundo de objetos sólidos onde o passado ainda acontece?
- Não.
- Então onde é que existe o passado, se é que existe?
- Nos registros. Está escrito.
- Nos registros. E em que mais?
- Na memória. Na memória dos homens.

– Na memória. Muito bem. Nós, o Partido, controlamos todos os registros e todas as memórias. Nesse caso, controlamos o passado, não é verdade? (ORWELL, 2007, p. 237).

Por isso, há órgãos especializados em alterar o passado, tarefa complexa que exige a articulação de diferentes Aparelhos Ideológicos e que contempla toda a sociedade, na forma tanto de poderes – incluindo os coercitivos, presentes nas punições recebidas pelos protagonistas distópicos – quanto de micropoderes. Huxley, Orwell e Bradbury¹³ tratam de um problema real da historiografia: as divergências entre a história oficial dos detentores do poder e a existência de provas materiais que a suportem. Os segredos sobre a história e a verdade, para que funcionem, devem ser organizados com minúcia, abrangendo todos os níveis da hierarquia e numerosos funcionários administrativos. Até no interior dos campos de concentração nazistas, explica Breton (1994, p. 75), foi guardado segredo sobre os crimes que ali se cometiam¹⁴. Para o autor, o segredo é uma medida de conservação dos sistemas, pois diminui a resistência ante as ações praticadas, por isso é necessário mantê-lo e alterar a verdade. O conceito de verdade deriva da necessidade dos sujeitos e, mais ainda, dos regimes onde eles estão inseridos.

Referências Bibliográficas

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. Rio de Janeiro: Globo, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 18 ed. São Paulo: Graal, 2003.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo: Abril, 1981.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

¹³ Os autores se referem às manipulações da história realizada pelo regime soviético, pelo nazi-fascismo e mesmo – como é o caso de Bradbury – ao solapamento paulatino da história realizado pelo capitalismo norte-americano.

¹⁴ Os nazistas organizaram campanhas de desinformação, fazendo, por exemplo, com que os deportados assinassem bilhetes-postais que enviavam às próprias famílias precisamente antes de serem liquidados (BRETON, 1994, p. 75)